

O Fenómeno Dinossauro

José Cardoso Pires

«O DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO» foi campeão na Feira do Livro de Lisboa que acabou há dias. Esgotou num mês a sua 5.^a edição de sete mil exemplares. A anterior esgotara-se em três meses. Desde a sua primeira edição — que deu que falar — tem-se mantido regularmente à cabeça dos «best-sellers», assim perfazendo a linda conta de vinte e cinco mil exemplares vendidos.

Um fenómeno na vida editorial portuguesa.

Por o ser e por nos parecer que é daqueles que merecem sê-lo, fomos falar com Cardoso Pires. Tínhamos ouvido dizer que estava iminente nova edição pela Bertrand, que já editara a 5.^a

«De facto a Bertrand contactou-me com muita urgência para eu autorizar a 6.^a edição, mas logo a seguir declarou-se desinteressada.» Porquê? perguntamos ao autor de quem não obtivemos mais do que um sorriso cheio de significado que nos competia interpretar.

De qualquer modo, enquanto se espera que um dos quatro editores que se declararam interessados na obra, depois da desistência da Bertrand, a edite, aqui deixamos aos leitores uns apontamentos de José Cardoso Pires que esclarecem certos aspectos estéticos do livro, já realçados por alguns críticos, e narram como surgiu aquilo que ninguém, a começar pelo autor e pela filha Rita que o motivou, suspeitava que viria a ser um fenómeno na vida editorial portuguesa.

AÍ POR Setembro ou Outubro de há três anos o fotógrafo Jerzy Bauer do «L'EX-PRESS» atravessou comigo a meia Londres mais pobre, e levou-me a um jardim de

Crystal Palace, que está povoado de monstros pré-históricos. Em bom cimento à prova dos séculos havia lá répteis de asas, peixes-répteis e toda aquela família desvairada que dominou o nosso planeta de há cinquenta milhões de anos, sem esquecer o dinossauro.

Bem Jerzy Baur fotografou-me ali em pré-histórico londrino, tu-cá tu-lá com as personagens do Atlas Natural e pouco depois mandava-me uma colecção desses retratos. Aí pus-me a pensar no fantasma do sobredito dinossauro, tyrannossauro, para ser mais claro com os dez metros de comprimento e a dentuça asanhada lá nas nuvens. E cá de baixo, pés na terra, comecei a escrever uma história para a minha filha Rita, que tem cabelos claros, olhos azuis e é judoca. Há meses que estava longe dela e tinha saudades.

Escrevi e, como era de esperar, fiquei desapontado quando acabei. Lia, relia, emendava, mas a coisa parecia empastada, conceituosa, ou lá o que fosse. Uma chatice.

Estava eu naquilo, a ler e a não gostar, quando abri a Exposição Internacional da Banda Desenhada no I.C.A., no Mall. Uma festa. Super-ratos e super-homens sobrevoavam a imaginação mais burocrática Dick Tracy (o da mi-

nha infância) apontava o mundo do crime, Mafalda (a da infância de agora) fazia pedagogia, Asterix prégava História -contos. enfim, de todas as raças e em todas as caligrafias, desde a do desenho em nervura asa-de-mosca da China Popular às bandas de um só traço do Brasil.

Com tantos bonecos e tantos «balõesinhos» a saírem da voz e do pensamento dos heróis, CLAC!, fiquei rendido. Comecei a ler com outros olhos aquele universo de contar e, inclusive, descobri por que razão eu nunca na vida tinha gostado de histórias infantis: por causa, tenho a certeza, da atitude paternalista que os escritores tomavam em relação às crianças. Alguns eram tão exemplares, tão cativadores, que chegavam a compor uns ares didácticos de pessoa grande que desce ao pequeno leitor e isso, CATRA-PUZ!, é O FIM! Nem para adornar serve. BOA NOITE!

. Ora a narrativa em banda desenhada conta de maneira mais livre e tem uma comunicação mais universal, e se é boa, mesmo boa, preserva corajosamente um militante traço de humor. Depois vai a contra-relógio (sem perdas de tempo, toda na síntese do pormenor significante) e a contra-leitor (nas muitas voltas com que lhe despista a imaginação); é prosa aventureira, quer-se dizer nunca confirmada.

Levado por tudo isto, pus-me a reescrever toda a his-

tória do Dinossauro da primeira à última linha e safu esta fábula; ou este capriccio, se quiserem. Do ponto de vista da linguagem, há aqui vários tradicionalismos, não digo que não, mas há igualmente muitos ecos dos comics-onomatopeias, suspensões em legendas de «balão», encadeamentos, muitos sinais, enfim, do convencionalismo das bandas desenhadas aplicado ao discurso literário.

Ainda outra questão: quando escrevi esta fábula (fábula porque se passa no tempo em que os bichos faziam a moral dos cidadãos) eu sabia que politicamente o homem é um animal de memória fraca; que se conta com isso para se repetir o erro histórico. Mas interessava-me também, e acima de tudo, apontar um microcosmos conceptual, uma lógica tão alheada do tempo em que vivemos, tão adversa a ele, que só poderia ser descrita em termos «mitológicos», chamemo-lhes assim. Daí o título Dinossauro, habitante de um mundo que desconhecia o homem. Mas mal imaginava eu que (cf. «Le Monde», 9, março, 73) essa designação existisse agora mesmo e neste mesmo planeta e que lá, no Haiti, o partido dos «velhos dinossauros», assim chamados, organizasse rituais em tudo semelhantes aos da minha fábula...

Adiante. Agora, adeus Dinossauro, adeus Comarca e Mexilhões. E desde já peço desculpa de alguma má palavra.